

Gabriel Bassan

O uso das drogas no campo do sentido: Abuso e amor fati

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito principal para a obtenção do bacharelado em Psicologia.

Orientador: Prof. Luiz Avelino

Universidade Federal de Uberlândia

2018

O uso das drogas no campo do sentido: Abuso e amor fati

The drugs use in the sense field: Abuse and amor fati

Resumo: O presente ensaio propõe uma aproximação teórica entre o abuso de drogas e o conceito de amor fati, introduzido pela filosofia de Nietzsche. Os conceitos apresentados sobre “amor fati” e “a morte de Deus” foram utilizados para embasar a compreensão do contexto histórico e dos sentidos produzidos acerca do abuso de substâncias. Apresentou-se um caso fictício de um usuário típico, para possibilitar aproximações e distanciamentos entre amor fati e o abuso de drogas. Diante do caso apresentado, observa-se dois padrões de uso em momentos e processos de significação diferentes, ora a droga é descrita como um objeto de recreação, ora como uma possível quebra de desgosto.

Abstract: This essay proposes a theoretical approximation between drug abuse and the concept of amor fati, introduced by Nietzsche's philosophy. The concepts presented on amor fati, “the death of God” were used to support the understanding of the historical context, and the senses produced about substance abuse. A fictitious case of a typical user was presented to allow approximations and distances between amor fati and drug abuse. In view of the presented case, two patterns of use was observed in different moments and processes of signification, sometimes the drug is described as an object of recreation, sometimes as a possible break of disgust.

O uso indevido de drogas: Limites e alcances

O consumo de drogas se insere na cultura humana como uma prática milenar e se manifesta de forma universal. A busca pelo uso de substâncias com diferentes finalidades é uma prática que se generaliza entre as culturas conhecidas. Apesar do termo na contemporaneidade estar atrelado a práticas ilegais e imorais, o uso de drogas se insere no cotidiano da sociedade nos mais diversos contextos, se apresentando a partir de diferentes padrões e finalidades de uso. O uso indevido dessas substâncias, tema abordado por esse estudo, engendrará os problemas mais acentuados de natureza psicossocial (LABATE, 2008, p.440).

Discorrer sobre o consumo de drogas nos possibilita abordar diversas questões e apresenta-las a partir de amplas perspectivas. Mas o presente trabalho se preocupa com os sentidos produzidos pelo uso e os respectivos padrões de consumo, uma vez que

conhecer os diferentes modos de uso contribuirá na distinção das relações psíquicas estabelecidas entre o usuário e droga. A proposta desse ensaio é apresentar a possibilidade de compreender os conteúdos suscitados, referentes aos sentidos e padrões de uso, a partir do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900). Acreditamos que o conceito de amor fati oferece um conhecimento interessante para compreendermos as relações de júbilo e sofrimento atrelados aos padrões de uso estabelecidos com as drogas.

O estatuto do proibicionismo separou as sem considerar as diferenças da cultura e da apropriação de seu uso, sendo legalizada as atividades mercantis para drogas dos tipos farmacêuticas e lícitas, essas são disseminadas legalmente pelas indústrias farmacêuticas, de tabaco e álcool. As drogas classificadas como ilícitas, das quais sua venda é ilegal, são comercializadas clandestinamente, o que leva a criação de um mecanismo que hipertrofia o lucro do comércio ilegal de drogas interditas e tem como consequência a criminalização sociopolítica do usuário, que precisa recorrer a meios ilegais para consumi-las (CARNEIRO, 2002, p. 115-128).

As finalidades do consumo de substâncias são das mais diversificadas, ela se refere ao motivo do sujeito ingerir substâncias, como exemplo, o uso das drogas com finalidade espiritual se distingue da finalidade recreativa, uma vez que o desejo que impulsiona o usuário com finalidade espiritual está ligado a uma experiência de contemplação, autoconhecimento e uma busca pelo divino, muitas vezes podendo gerar desprazer. A busca pelas substâncias abrange uma diversidade de motivos, mas são os sentidos atribuídos ao uso que irão explicitar os modos do sujeito se relacionar com as drogas (BUCHER, 1988, p.9).

Os sentidos que podem estar atrelados ao uso se diferenciam das finalidades, uma vez que eles dizem respeito às possibilidades relacionais que o sujeito estabelece com a substância. O sentido que o sujeito apropria sobre o uso de drogas depende da interpretação que ele faz sobre o ato de consumir a substância, podendo esta comunicar diferentes percepções e padrões relacionais. A percepção do usuário se modifica ao longo do tempo e os contextos sociais produzidos influenciam a compreensão que o usuário tem sobre a substância, uma vez que cada substância é submetida a um viés antropológico e cultural que valora e representa de diferentes formas. Dentre os sentidos atribuídos ao uso, destacam-se: o sentido de transcendência, o sentido de apaziguar a angústia existencial e o sentido do gozo (BUCHER, 1991).

Apesar dos sentidos e as finalidades de uso se diferenciarem em alguns aspectos, esses dois campos se aproximam na medida que a interpretação que o usuário faz sobre o efeito da substância em sua vida, está diretamente ligada a finalidade do consumo. Mas para tornar didático, as classificações se fazem necessárias para compreendermos melhor as especificidades dos usuários. (BUCHER, 1988, p.33). Uma vez que o usuário com finalidades farmacológicas não estabelece propriamente um sentido na relação com a droga, não abordaremos esse tipo de consumo. A busca do usuário, na finalidade farmacológica, se refere a um sentido que vai em direção ao restabelecimento de seu respectivo padrão de saúde anterior.

O primeiro sentido atribuído ao uso de substância está ligado a busca de transcendência, a saber que algumas estruturas sociais se organizam e ingerem substâncias com a finalidade de entrar em contato com forças sobrenaturais. Os elementos divinos presentes nesse tipo de relação são capazes de aplacar a angústia humana e assegurar-lhe existencialmente para além da vida biológica que lhe é determinada. O contato com o místico e elementos sobrenaturais são essenciais para estabelecer-se esse tipo de relação. A experiência religiosa ocupa um lugar importante nas relações estabelecidas com as drogas, uma vez que ela preenche uma falta decorrente das limitações humanas e auxiliam a comunicação entre os coletivos e sua respectiva busca pela experiência mística (BUCHER, 1991)

Ao discorrer sobre as seitas indígenas no Brasil que envolvem o consumo de substâncias com a finalidade religiosa, seja para curar doenças, proteger e promover a saúde da comunidade, Bucher (1991) contextualiza o uso das drogas nesses rituais como um elemento de ligação entre o mundo humano e o sobrenatural. Para o autor, não se pode comparar o uso dos índios na selva amazônica com as seitas urbanas que se apropriam do uso. Ainda, seria uma violência espiritual comparar experiências tão distintas, considerando que a cultura e os valores construídos a respeito do uso das drogas se distanciam na medida em que o fenômeno de apropriação cultural abandona os valores tradicionais e falha ao atribuir novos valores com potencial de integração social.

Portanto, o sentido de transcendência acompanhado do uso de substâncias se refere a um conjunto de produções antropológicas; ligados a crença, valores, história, territorialização, ritualizações, objetivos coletivos e etc; e não podem ser ignorados ou compreendidos a partir de uma ética que condena tais práticas sem compreender seus

fundamentos. A expressão cultural pertinente ao uso de substância em contexto religioso deve ser relativizada nos próprios termos da cultura, uma vez que em determinados âmbitos as substâncias não são tratadas levianamente e representam a chave para as portas do sagrado. O que Bucher (1991) chama atenção ao distanciar a experiência religiosa com substâncias no contexto ocidental do contexto indígena, é que as redes de sentidos atribuídas ao uso estão diretamente ligadas à uma invenção cultural que foi atravessada pela história.

O segundo sentido diz sobre a capacidade que a droga tem de escapar da transitoriedade da existência e apaziguar a angústia provocada pela inevitabilidade da morte. Portanto, uma das possíveis relações refere-se ao uso para “esquecer” ou tornar suportável a nossa transitoriedade e mortalidade. Nesse sentido, observa-se que a droga opera como um objeto tranquilizador, que consegue agir na dimensão do sofrimento psíquico, além de proporcionar experiências internas ou coletivas de caráter auto revelador, ou até mesmo contemplativo, sem nenhuma ligação com o divino (BUCHER, 1991).

O sujeito que faz o uso de drogas e assume essa função tranquilizadora corre o risco de passar para uma situação de abuso, na medida que repetição do uso leve ao esvaziamento do desejo do sujeito em relação a experiências possíveis nesse contexto. Nesse sentido, o sujeito assume uma posição passiva na relação com a substância e já não consegue apropriar um sentido de seu uso.

Outro aspecto importante a ser considerado sobre o sentido apaziguador, é que ele surge juntamente com o desenvolvimento da personalidade. Nas etapas em que a criança é incapaz de andar, falar e agir em determinadas funções, ela estabelece uma relação de dependência com a mãe que marca o percurso da sua existência enquanto sujeito. Nos momentos iniciais do desenvolvimento, os desejos da criança geralmente são atendidos com prontidão, pois ninguém suporta a angústia de uma criança á espera, e mesmo quando adultos, a espera pode ser capaz de gerar uma angústia insuportável e um desejo imanente de prontidão. Nota-se que o primeiro e o segundo sentido se relacionam na medida que o uso facilita um processo de enfrentamento diante da finitude (BUCHER, 1998, p.36).

Por último e não menos importante, o sentido do prazer pode ser considerado como o mais almejado pela contemporaneidade. O prazer pode ser entendido como uma

força contrariada por outras forças existentes na vida psíquica, assim o uso de substâncias nesse sentido se refere a tentativa do usuário de sobressair às forças que neutralizam o gozo. As facilitações das relações sociais também podem ser compreendidas no âmbito do gozo psíquico, sendo essa um estímulo importante para a obtenção de prazer. Nesse sentido, os aspectos de contato com o místico são deixados de lado, o uso se volta para a celebração e para as satisfações narcísicas pertinentes ao campo do ato e da fantasia (COSTA, 2016, p.10-16).

Existe uma diversidade de culturas emergentes que socializam o uso de substâncias em espaços recreativos. Esse padrão de consumo se acentuou no final da década de setenta, acredita-se que por conta das mudanças de valores e padrões estéticos propagados na época acompanhado pelo surgimento de substâncias sintéticas que produzem efeitos diversos. O hábito de consumir drogas, nessa finalidade, está fortemente atrelado aos padrões sociais. A droga atua como um dispositivo de harmonização entre o indivíduo e o ambiente social que ele se insere, facilitando a obtenção de prazer através dessa inserção. Lícitas ou ilícitas, o uso recreativo de substâncias depende de um cenário condizente com seu uso. Da mesma forma que o álcool é utilizado como um facilitador nas situações que os sujeitos necessitam de encorajamento, as drogas sintéticas potencializam e harmonizam a experiência coletiva e musical (CAUDEVILLA, 2005, p.3-9).

Os padrões de uso se refere a sistematização de sintomas e sinais que identificam os impactos do uso de drogas na esfera psicossocial. Os sujeitos que correm maiores riscos, como exemplo os que apresentam comorbidades psiquiátricas ou condições de vulnerabilidade social, se enquadram nos padrões de uso que merecem mais atenção pelos órgãos de saúde. AOMS (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2017) suscita que a classificação dos padrões de uso deve ser definida a partir de um conjunto de critérios referentes à relação que o sujeito estabelece com as drogas, alegando que a quantidade de drogas ingeridas não é capaz de qualificar uma relação abusiva.

Dentre os padrões de uso apresentados pela a OMS, atentaremos ao padrão mais abordado pela literatura, que é o usuário abusivo. As intervenções na atualidade procuram atingir principalmente o público que estabelece relações abusivas com as substâncias, uma vez que elas desencadeiam danos mais significativos em relação a vida social e mental do usuário. Como base comparativa, utilizaremos também um dos padrões de uso expressados no documento, o uso habitual com sentido recreativo, esse

se refere ao uso frequente da substância sem que haja dano ou ruptura social. Esse padrão será explicitado no caso típico fictício que será apresentado.

O uso indevido das drogas é compreendido a partir dos impactos causados pela substância, sejam impactos cognitivos, psíquicos ou sociais. Os fatores que acusam um uso indevido de substâncias podem ser percebidos através da frequência e intensidade do uso, bem como os riscos do qual o sujeito se expõe ao consumir determinada droga. Enquanto alguns usuários de substâncias conseguem integrar seus efeitos à rotina sem causar maiores prejuízos em seu funcionamento, outros se inserem em um quadro de dependência que impossibilita a interrupção e o controle do uso. O impulso irrefreável pelo consumo de substâncias e a impossibilidade de atuação dentro das funções sociais confraternizam com a diminuição da qualidade de vida desses usuários (GURFINKEL, 1995, p.26-40).

Levando em consideração os diferentes sentidos atribuídos ao uso e seu campo de significações históricas e culturais, o uso indevido das drogas está relacionado a estrutura social da qual o sujeito se insere. Por outro lado, o tema muitas vezes é abordado com simplificações conceituais e sob perspectivas moralizantes que contribuem na criminalização dos usuários e na perpetuação de políticas opressoras. O Antropólogo Anthony Henman, autor que conjuga uma carreira acadêmica e trabalho intenso voltados as políticas de redução de danos, critica que as políticas proibicionistas ignoram que o uso de determinadas substâncias se consolida como prática pertinente a uma cultura, sendo muitas dessas substâncias valorizadas espiritualmente e intelectualmente (HERMAN, 2008 citado por LABATE, 2008, p.34).

Diante da publicação da carta Otawa, balizada pelo princípio da redução de danos e dos direitos humanos, privilegia-se que a promoção de saúde deve ser disseminada através das políticas públicas e deve atingir toda população, repelindo qualquer prática discriminatória. Partindo dessa perspectiva, trabalhar a temática das drogas deve ser uma prática inclusiva que leve em consideração os aspectos individuais e sociais, oferecendo ao sujeito um lugar de construtor das próprias práticas em saúde. Para isso ocorrer, o sujeito deve ser abordado em sua integralidade, considerando suas construções enquanto sujeito social (MOREIRA, SILVEIRA e ANDREOLI, 2006, p.95-100).

Parafraseando Labate (2008), a guerra às drogas no cenário brasileiro desencadeou sistemáticas violações a declaração universal dos direitos humanos,

reproduzindo as proibicionistas convenções internacionais, o Brasil desenvolveu sua legislação interna embasada em lógicas totalitaristas. Tais atos de violência sugerem que os riscos e danos proveniente da prática de consumir tais substâncias são mais relevantes do que os danos causados pelas cadeias químicas que essas apresentam. Partindo dessa perspectiva, estudar o uso indevido dessas substâncias não se reduz a estudar as reações biológicas consequente das composições das substâncias. O uso indevido está intrínseco aos estudos da antropologia, uma vez que a esse tipo de uso está atrelado a cultura e as relações sócio-políticas que emergem do seu contexto.

Esse ensaio pretende discorrer sobre a questão do uso indevido de drogas e tentar compreendê-lo a partir do conceito de amor fati introduzido por Nietzsche. Para desenvolver a temática nos remetemos a questão do uso das drogas enquanto uma busca por sentido e questionamos sua relação com o amor à vida. Para embasar o conceito de amor fati, consideramos importante abordar o conceito da morte de Deus para contextualizar o cenário do qual o sujeito parte em busca de novos sentidos. Não cabe aqui realizar uma pesquisa genealógica que se funda nos encadeamentos conceituais do filósofo. A morte de Deus será apenas explicitada para agregar nas inferências dos leitores.

Após a exposição dos conceitos do filósofo, um caso típico fictício será apresentado para uma possível comparação entre o uso indevido e o uso recreativo. A eleição de um caso fictício ocorreu em referência à obra mais famosa de Nietzsche; Assim Falou Zaratustra. Há interpretes que afirmam que o personagem Zaratustra surge do livro de Friedrich Creuzer, Simbólica e Mitologia dos povos Antigos, que continha citações do livro da religião de Zoroastro. A eleição do nome Zaratustra se apresenta como uma inversão da concepção de Zoroastro, de que se era possível determinar o bem e o mal. Aqui, apresentaremos um único caso que apresenta dois padrões de consumos diferentes, levantando a crítica de que é impossível determinar o tipo de usuário que desencadeará uma relação abusiva ou outras relações não patológicas.

A escolha do ensaio enquanto método desse trabalho, parte da premissa que os conhecimentos aqui explorados só podem ser apurados a partir de uma construção lógica que leve em consideração o conceito de amor fati. Esse trabalho não se propõe a realizar uma pesquisa de caráter genealógico ou de levantamento bibliográfico, uma vez que o conjunto das obras de Nietzsche são demasiadas extensas e nos levaria a refletir sobre outras questões que escapam ao uso indevido de drogas. A aproximação do tema sem compromisso com os demais conceitos do autor, possibilita um contato mais

objetivo com os conceitos principais. Porém, não abordar a integralidade dos conceitos nietzschianos e utilizar de suas ideias em outro campo temático prenuncia limites importantes desse estudo. Compreende-se que as ideias aqui apresentadas abrem campo para uma investigação mais profunda e elaborada tanto do tema abordado bem como das relações estabelecidas entre os conceitos destacados e os outros conceitos que constituem o pensamento de Nietzsche.

Dos conceitos nietzschianos

Nietzsche até hoje é um dos filósofos mais estudados e aclamados pela comunidade filosófica. A densidade de suas obras e o poder crítico diante das estruturas e formações sociais rendem objetos de estudos que se ampliam nas mais diversas temáticas. A escrita poética e as controversas pertinentes aos seus textos provocam, até hoje, intensas discussões conceituais que dificultam a precisão de seus estudos. Mas a abrangência de seu corpo filosófico ainda se constitui como uma ferramenta importante para a compreensão dos processos e engendramentos que se apresentam na humanidade.

A poética, os aforismos, metáforas e metonímias presentes em seus escritos podem dificultar ou até mesmo subsidiar uma diversidade de compreensões e análises de suas teorias, o que muitas vezes leva seus leitores a debates exaustivos sobre as raízes de suas ideias bem como sobre os fundamentos de seus conceitos. Portanto, aqui se apresenta apenas uma possibilidade de compreensão e perspectiva de suas obras quando aplicada ao campo do uso indevido de substâncias.

Nesse estudo, encontraremos reflexões acerca do uso indevido de drogas em relação ao amor fati; este conceito é compreendido como a expressão de uma possibilidade relacional que consideramos relevante para investigação no contexto do uso de drogas. Para apurarmos o tema a partir de uma melhor evidenciação do corpo teórico utilizado, abordaremos brevemente o conceito da morte de Deus, pois o compreendemos como fundamental para contextualizar o cenário do qual o uso indevido de drogas acontece. Os conceitos nietzschianos abordados fundamentarão a discussão e a interpretação do caso típico fictício que será apresentado.

Sobre a morte de Deus

Nietzsche irrevogavelmente foi um grande crítico das instituições fundantes das estruturas de organização social, sua carreira como filósofo é marcada pelas incisivas investigações sobre as motivações psicológicas subjacentes nas relações humanas, sempre no esforço pela desmistificação das mesmas. Seus estudos propunham uma análise e desconstrução das bases moralistas que normatizam as relações humanas e que domesticam os modos de pensar e agir no mundo. A concepção de que Deus está morto abre a possibilidade de pensarmos novos métodos de formulação das estruturas sociais. Partindo dessa perspectiva, o filósofo buscou compreender o impacto desse acontecimento na cultura e nos sentidos imanentes aos sujeitos inseridos nesse contexto.

Logo nas primeiras páginas de *Crepúsculo dos Ídolos*, *Ecce Homo* §1 o filósofo Friedrich Nietzsche afirma que a experiência religiosa na cultura humana pode ser resumida ao que até agora chamamos de “verdade”. A crença em Deus e o apego a uma verdade que se apresenta como única e imutável, ao mesmo tempo que assegura o humano no campo da significação, limita-o de assumir diferentes posturas diante da existência. Como resultado da negação de valores universais, uma nova ética torna-se possível, esta ética vai de acordo com o movimento humano de sempre superar-se e tornar-se, novamente, o centro das valorações.

A afirmação de que “Deus está morto” é, talvez, uma das afirmações mais incompreendidas entre as afirmações feitas por Nietzsche. O termo aparece pela primeira vez em *A Gaia Ciência* (1882, p.111) através da fala de um “louco”, o que já demonstrava que se tratava de uma anunciação feita por um homem visionário, fora de sua época. Se embasando na ideia de que os mitos, a moral da teologia e seus ideais estão constantemente se enfraquecendo e passando por mudanças que se distanciam dos princípios fundantes da religião, Nietzsche afirma:

O louco saltou no meio deles estrespasseou-os com o olhar. “Para onde foi Deus?”, exclamou, “é o que vou lhes dizer. *Matamo-lo*, você e eu! Somos nós, nós todos, os seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte inteiro? O que fizemos quando rompemos com essa corrente que ligava a terra ao sol? Para onde vai ela agora? Para onde nós vamos? Longe de todos os sóis? [...] que ritos

expiratórios? Qual jogo sagrado seremos forçados a inventar? A grandeza deste ato não é muito grande para nós. –Nietzsche, A Gaia Ciência, p.111 §125

Apesar da igreja e das religiões se apresentarem como instituições influentes na sociedade, muitos dos seus princípios foram reformulados e os ideais divinos enfraquecidos. Para o filósofo, a morte de Deus representa o fim de uma verdade eterna, das exigências até as bondades que justificam os atos do homem. Em seus escritos ele expressa que não se faz mais necessário pensar a vida através da ética e valores cristãos, não se faz mais necessário provar a existência ou inexistência de Deus, uma vez que a virtudes humanas se tornam cada vez mais deslocadas de uma divindade. Mas como destaca o próprio excerto, a morte de Deus ao mesmo tempo que representa uma condição para a criação de novos valores, ela tem como consequência uma angustia remanescente da perda do sentido. A destituição do supra-sensível acusa a falta de sentido e a tentativa cega de uma busca de sentido naquilo que pertence ao campo sensível (HEIDEGGER, 2003, p.471-473)

Em Gaia Ciência, §269 o filósofo afirma que se faz necessário determinar novamente o peso de todas as coisas, todos os deuses devem morrer para que, de seus restos, possamos construir nossos próprios valores. Se por um lado o homem foi criado a imagem e semelhança de Deus, os valores, crenças e os sentidos originados dessa imagem se fragmentam, não restando mais referencial para o homem. A morte de Deus embasa a possibilidade de se pensar o amor fati, pois ela contextualiza o momento radical da resignificação e da perda de sentido. Esse conceito aponta também para a tentativa de criação de uma nova ética que não seja tão violenta quanto a ética religiosa. Nietzsche considera a falta de sentido um estado insuportável para o ser humano, sem referencial e ordens para obedecer simplistamente, o homem busca outras formas de significar a realidade, substitui o bem e o mal por uma visão mais ampla, pela ciência e outros significantes capazes apaziguar sua angústia diante da existência.

Sobre o amor fati

As implicações da imanência de um mundo onde Deus está morto levam a introdução de um novo conceito nomeado pelo autor de amor fati. É em 1882 em Gaia Ciência que o autor o emprega pela primeira vez chamando atenção para sua necessidade de aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas. Apesar de

Nietzsche não ter professorado a ideia de amor fati estabelecendo conexões explícitas com suas demais ideias, o amor fati vai em direção aos ideais mais nobres do autor: estabelecer uma nova ética perante a vida. (RUBIRA, 2010, p.10-34).

Posteriormente, o conceito surgirá na obra de *Ecce Homo* no capítulo *porque sou tão esperto*, dentro de uma cadeia lógica mais explícita. Nesse capítulo Nietzsche fala sobre sua experiência de afirmar a vida e filtrar as potências ativas das potências reativas, mas fala disso através de sua experiência recente. Naquele momento, Nietzsche parece ter estabelecido um contato diferente e mais amplo com o conceito de amor Fati, uma vez que ele os elabora a partir de suas próprias experiências e atribui uma relevância ainda maior para sua filosofia. Por meio da obra *O anticristo*, escrita também em 1888, mas publicada em 1908, Nietzsche já se refere ao amor fati como algo que ele tomou posse e não mais como uma ideia a ser conquistada (RUBIRA, 2008, p.227-236).

[...] Minha fórmula para a grandeza no homem é o amor fati: não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo- todo idealismo é mendacidade diante do necessário-, mas amá-lo... -Nietzsche, *Ecce Homo*, *Porque sou tão esperto*, p.381, §10

amor fati se refere a “amor ao destino” e se relaciona a atitude de compreender como necessário tudo o que se manifesta perante a vida, seja isso agradável ou desagradável. O amor fati remete à aceitação dos eventos em sua incondicionalidade, a expressão de dizer sim para os eventos que se apresentam não é uma tarefa fácil, mesmo na dor ou na morte, aceitar o destino implica em praticamente abrir mão das valorações que realizamos sobre os fenômenos. Seríamos capazes de viver sem atribuir valor às nossas experiências? Talvez o convite que o conceito de amor fati faz ao leitor se refere a capacidade humana de atribuir novos valores às experiências e, para Nietzsche, esses valores devem ser condizentes com a vida (STEIN, 2015, p.96-108).

É importante salientar aqui que o conceito de destino referido por Nietzsche não se trata do destino bíblico amplamente disseminado pelo cristianismo. Para o cristianismo e outras religiões, “destino” se refere a uma ordem cronológica de fatos que são determinados por uma entidade, esses fatos acontecerão independente das mudanças no mundo. O “destino” adotado por Nietzsche está ligado àquilo que acontece em laço à

inevitabilidade, ou seja, aos acontecimentos que se manifestam independente dos motivos que os determinam.

Percebe-se que a concepção de amor fati concebe uma linha trágica da existência e parte de um espírito dionisíaco, pois nos remete à adesão incondicional de existir. Trágico, dentro da concepção grega, pois por um lado nos remete à incondicionalidade de existir e, contraditoriamente, de sermos finitos. Mas ao mesmo tempo antecipa a possibilidade do nos apropriarmos das condições adversas da vida e fazer de toda a vivência um acontecimento prenhe de alegria, é nesse aspecto que o espírito dionisíaco se localiza. O sujeito dionisíaco é aquele que manifesta capacidade de modificar a realidade que o cerca para tonificar a existência de acordo com seus afetos, transformando acontecimentos aparentemente banais em momentos fundamentais da vida (BITTENCOURT, 2016, p.19-23).

Para o novo ano. Ainda vivo, ainda penso: é ainda necessário que eu viva porque ainda é necessário que eu pense[...] vou dizer qual é o pensamento que deverá se tornar a razão, a garantia e a doçura de toda a minha vida! É aprender a ver cada vez mais o belo na necessidade das coisas: é assim que serei sempre aquele que torna as coisas belas. *Amor fati*: seja esse de agora em diante o meu amor. Não quero fazer guerra ao feio, não quero acusar nem mesmo os acusadores. *Desviarei o olhar*- seja essa, de agora em diante, minha única negação! E, por fim, não quero, a partir de hoje, ser outra coisa senão alguém que diz sim. -Nietzsche, A Gaia Ciência, p.147, §276

No trecho apresentado, Nietzsche argumenta a ideia de amor fati não como uma aceitação, idealismo ou apenas suportar aquilo que se apresenta e é julgado como necessário, a proposta é amá-lo como necessário. Constantemente somos estimulados por circunstâncias adversas e buscamos ânimo para encontrar prazer onde um pessimista esbarraria com a dor. Amor fati diz sobre um reencantamento diante do mundo e de suas relações, a alegria e o desejo investido nesse processo culmina na capacidade de se colocar acima das contingências que poderiam ser interpretadas como desagradáveis, assumindo um caráter interno de valoração da existência. A experiência de amor fati requer uma mudança interior que se liga e sobressaia do mundo individual para o mundo circundante (BITTENCOURT, 2016, p.19-23).

O caminho do amor fati proposto por Nietzsche nada tem a ver com uma ideia econômica, de que se é mais fácil viver a partir do amor fati. O amor fati tal qual como é abordado é mais um incentivo para a mudança do pensamento que leva a mudança das ações concretas, independentemente da situação. Assim, a tarefa de amar incumbe o sujeito a reinventar suas experiências a partir de sua postura perante o mundo, ao se dispor a amar a vida incondicionalmente, o sujeito expressa uma experiência real, deixando os conteúdos não-tangíveis no universo das expressões individuais. Portanto, quem expressa o amor fati não projeta seus ideais para objetos externos e aceita as condições para se relacionar com esse objeto (BITTENCOURT, 2016, p.19-23)

Colocar o amor fati como principal instrumento de valoração não se trata também de responsabilizar o sujeito pela compreensão sobre a vida, uma vez que esse é influenciado pelo meio que vive constantemente incorpora interpretações externas. A perspectiva nietzschiana aponta para aspectos relacionais presentes na sociedade e, ao invés de suprimir a questão da desigualdade e da diferença, procura mostrar que a desigualdade é fruto da realidade, entendendo a realidade como um campo de forças em relação de dominação e subjugação. Portanto o amor fati não corresponde a um exercício de livre arbítrio, uma vez que as influências que marcam o sujeito podem inibi-lo ou facilitar sua relação com o amor fati. (STEIN, 2015, p.96-108)

Assim, amor fati quando inserido na vida cotidiana não se resume a aceitação e permissividade frouxa a tudo o que se apresenta, mas se refere a capacidade subjetiva de sobressair diante das manifestações da realidade e aceitar a diversidade da qual ela nos submete. Ou seja, quando apurado sob uma perspectiva relacional, exercer o amor fati não implica em se deixar dominar pelo objeto do qual se relaciona e nem tentar modificar a forma que ele se apresenta. Uma relação que expressa o amor fati está ligada a capacidade do sujeito atribuir significados que contribuem para seu desenvolvimento diante dessa relação, tornando cada experiência inigualável, retirando dela um aprendizado para o fortalecimento do desenvolvimento e da criatividade (BITTENCOURT, 2016, p.19-23).

Caso fictício de um usuário de drogas típico

Situação atual

Felipe tem 27 anos de idade, tem ensino superior incompleto e renda familiar equivalente a um e meio salário mínimo por pessoa. Parou de fumar maconha a dois anos e cigarro a seis meses. Apesar de seus padrões de uso atuais demonstrarem um caráter de abstinência, a experiência com o cigarro e a maconha são motivos de queixa constante durante a terapia. Ao mesmo tempo que o sujeito fala sobre experiências positivas com as drogas e sinaliza a participação das substâncias na construção dos vínculos, ele aponta o caráter nocivo a saúde mental e para suas relações. Apesar de Felipe ter aceitado parar com a maconha, a retirada do cigarro de seus hábitos ainda é apontada como a causa de “indecisão” e “angústia”.

Início do uso

Felipe conta que começou a fumar o cigarro após o rompimento de seu primeiro relacionamento durante a adolescência, aos 17 anos de idade. Ele relata que sua intenção tinha um caráter suicida, uma vez que pensamentos e tentativas suicidas faziam parte de sua vida nessa época. Mas ao mesmo tempo o cigarro possibilitava a relação com alguns amigos dos quais ele se identificava na escola. A entrada na faculdade de Química levou a formação de novos vínculos e, nessa época, Felipe começa a fumar maconha. Ele relata que nos primeiros seis meses fumava apenas socialmente e, depois, passou a fumar maconha todos os dias e aumentou seu consumo de cigarros.

Durante um ano e meio de faculdade, Felipe teve um desempenho tranquilo e relata sua experiência com a maconha como “a melhor época da vida”. Nessa mesma época iniciou um namoro do qual ele havia mais contato com sua namorada e estava satisfeito com suas amizades. Ele relata ter tido experiências constantes com as amizades da época e diz que o uso, tanto do cigarro quanto da maconha, frequentemente era o principal meio satisfação e socialização.

Angústia existencial

No terceiro semestre do curso de Química, durante uma situação celebrativa entre amigos, Felipe desencadeia sua primeira crise de angústia após o uso da maconha. Ele conta que estava na casa dos amigos em um evento intimista quando, após fumar um cigarro de maconha, ele começa a se perturbar pensando que ia morrer e outras coisas delirantes como desconfiar que colocaram crack no cigarro. No mesmo dia,

Felipe persegue sua namorada pensando que ela ia traí-lo, depois vai à casa dos pais e ameaça suicídio para eles. Após este episódio, seus pais o interna em uma comunidade de reabilitação religiosa, Felipe passou seis meses internado. Ele apresenta muita dificuldade para falar desse período e abrevia o tanto quanto possível. Agora, ao iniciar um novo relacionamento, Felipe é desafiado a parar com o cigarro e aceita a proposta, apesar de suas contradições.

O amor fati e a relação com as drogas

O caso fictício apresentado nos dá recursos para discorrer sobre sentidos opostos diante da experiência com as drogas, sendo elas a de uso recreativo e a que caracteriza o uso indevido. O relato do usuário representa um diálogo que se passa em um recorte posterior à experiência. Portanto, o relato está carregado de ressignificações posteriores à experiência, essencial para que o sujeito consiga relatar sua vida através de uma nova óptica. Por outro lado, algumas problemáticas recorrentes da época ainda são apontadas durante o relato do sujeito. Aproximar desse sujeito a partir da perspectiva nietzschiana de amor fati nos coloca para pensar sobre as significações atribuídas nos diferentes momentos do uso de substâncias.

Mas anterior ao sentido que o sujeito atribui sobre a sua experiência, a sociedade já prontifica algumas interpretações sobre o usuário de substâncias. O caso apontado trata-se de um estudante universitário com uma renda razoável para viver nos padrões da classe média. Portanto seu contexto aponta para uma forma diferente de exclusão, a internação, ao invés de outros padrões de exclusão sofrido pelas minorias sociais como a violência policial e o rechaço. Além desse aspecto, o sujeito relatado usou as substâncias apontadas por apenas um ano e meio e dois anos, para maconha e o cigarro respectivamente. Dessa forma, não foi estabelecido um padrão de uso crônico que acompanhou o usuário ao longo de grande parte da vida. Além disso, sua escolarização também pode ser apontada como um recurso para enfrentar uma situação de uso abusivo.

O primeiro contato com o cigarro é marcado pela tentativa de apaziguar a angústia gerada pelo rompimento durante o período escolar, acompanhado de pensamentos suicidas. Mas ainda nesse primeiro momento, o sujeito exercita a filiação de novos laços e aponta experiências contextualizadas nessa fase do desenvolvimento. Diante da expectativa de viver algo novo, possibilitado pelo contexto da universidade,

Felipe passa a fumar maconha, marcando um segundo momento de seu percurso enquanto usuário. Esse momento é apontado como uma experiência enriquecedora, da qual o gozo se direciona a vida e não somente a substância.

Em um episódio celebrativo, o personagem desencadeia uma crise de angústia que acarreta na fragilização de suas amizades e no fim seu relacionamento amoroso. Esse momento representa o rompimento do usuário com a maconha e, logo depois, com o cigarro. Esse terceiro momento de angústia traça uma experiência perturbadora e extremamente negativa que o leva a perdas indelévels. Esse esvaziamento de sentido do uso da maconha o leva a abandonar a substância, e um ano depois, também abandona o cigarro ao iniciar um novo relacionamento. Felipe surge com a queixa de estar em posição conflituosa sobre o abandono do cigarro.

Do mesmo modo que o personagem relatado atribui diferentes sentidos as experiências de uso, as fases que o consumo ocorre refletem diferentes momentos da formação de sua personalidade. Durante a adolescência, o sujeito atravessa um conjunto de fatores de motivação para o uso das drogas. Uma das características da adolescência está ligada a necessidade de afirmação do sujeito, que passa a testar seus próprios limites e, é nesse momento de afirmação e formação de vínculos de identificação, que a droga para esses grupos, passa a ser um instrumento de coesão (BUCHER, 1988 p.36-37).

Percebe-se que o personagem apresentado, nesse primeiro momento, apenas recorre ao uso do cigarro durante a angústia gerada pelo rompimento de um vínculo importante. O cigarro, por um lado, expressa angústia vivida pelo sujeito naquele momento e, por outro, serve como meio para estabelecer novos vínculos.

Na medida em que a criança cresce e abandona seu estado de dependência total da mãe e passa a conseguir desempenhar diversas atividades por conta própria, ela abre mão de um caráter imediato do prazer. Enquanto o leite materno chega até a boca de um recém-nascido sem que ele precise fazer muito para recebe-lo, um indivíduo adulto precisa desempenhar um conjunto complexo de funções sociais para satisfazer suas necessidades e obter prazer. A facilidade e o caráter imediato do prazer provocado pelas substâncias, tornam-se um apelo quase irresistível que remete o usuário justamente a essa fase do desenvolvimento, uma fase que deixa registros essenciais para a formação

da personalidade, mas que salienta a dificuldade humana de se desligar do seu estado de dependência e prazer (BUCHER, 1988 p.37).

No segundo momento, Felipe estabelece uma relação parcial com a droga, conseguindo integrar a experiência do uso com outras situações prazerosas, facilitadas pelos vínculos estabelecidos e pelo contexto produzido. A obtenção do prazer, portanto, ocorre, nesse momento, a partir do conjunto de elementos experienciados e das significações destinadas a esses elementos. A obtenção de prazer não se encontra diretamente ligada ao efeito produzido pela substância, mas ao sentido atribuído ao uso.

Um dos fatores do desenvolvimento da personalidade que, supostamente, pode desencadear uma relação abusiva se refere ao estágio do espelho. Para a psicanálise esse estágio se passa na infância e se posiciona entre um funcionamento psicótico e um funcionamento normal. O toxicômano, nesse estágio de formação mental, sofre uma desintegração abrupta de sua identidade, sendo essa fragmentação parcial ou total. De qualquer forma, essa fragmentação marca o sujeito e produz repercussões nos estágios posteriores do desenvolvimento da personalidade (BUCHER, 1988, p.90-91).

Apesar de Felipe ser um homem adulto e já ter passado pelo estágio do espelho, não é possível saber de sua infância e investigar o impacto das suas experiências, em situação de desenvolvimento, para saber sobre o seu papel no desencadeamento da angústia. O que se pode observar, nesse terceiro momento, é uma ruptura abrupta com a identidade assegurada pelos vínculos e pelo seu papel social.

A partir disso, podemos deduzir que, a eleição do cigarro como objeto de identificação pelo personagem, naquele momento da vida (adolescência), se trata de uma experiência carregada de sentido. Ao mesmo tempo que a substância facilita a obtenção de prazer do personagem, durante a travessia dessa fase, ela comunica algo da ordem do significante, que se apresenta no personagem como uma forma de expressar seu sentimento perante a morte e sua necessidade de novos vínculos. Apesar do início dessa relação se dar em meio a uma experiência de sofrimento, que foi o rompimento do personagem com sua primeira namorada, a compreensão que ele tinha sobre o uso está amalgamada a sua experiência subjetiva. Contudo, nesse primeiro momento não podemos dizer que já existe um padrão de uso que se caracterize como uso abusivo, uma vez que o personagem recorre a substância não somente pelo prazer que ela proporciona. Trata-se de um uso contextualizado pelo momento de vida do personagem,

condizente com a experiência de construção dos seus próprios valores e com a formação de sua identidade.

Se olharmos para o campo da necessidade para analisarmos o uso das drogas, e abordá-lo apenas como algo que se manifesta no corpo através da redução da tensão libidinal, podemos reduzir a experiência do uso das drogas à obtenção de prazer em qualquer tipo apropriação do uso. Olhar para essa relação, na perspectiva de amor fati, nesse contexto, é ampliar a compreensão dessa relação para além da necessidade, e exercitar nossa compreensão sobre corpo enquanto instrumento de experimentação. Porém, ainda adotando uma perspectiva de Nietzsche sobre a experimentação, dizer “sim” à experiência não é sinônimo de atravessá-la sem dar sentido a ela e não se encarregar de atribuir novos valores. Uma relação vazia de sentido e significantes que salienta o prazer pelo prazer se distancia da perspectiva de amor fati (RAMÍREZ, 2016, p. 12).

Uma experiência subjetiva com as drogas que expressa amor fati pode ser reforçada ou reprimida pelo conjunto de crenças e valores atribuídos pela cultura, dê de que ela já ofereça interpretações prévias sobre o uso. Mas, Nietzsche chama atenção para a capacidade individual de um sujeito transformar os sentidos atribuídos às experiências e voltar para a realidade um olhar diferente daquele delimitado pelas lentes da cultura. Ao estabelecer essa condição para apontar a relação usuário-droga como expressão do amor fati, a busca pela substância propriamente para a satisfação e obtenção de prazer imediato que não se agarra ao sentido, se exclui dessa categoria de expressão. Assim podemos estabelecer uma fronteira que separa a experiência de amor fati do padrão de uso categorizado como indevido.

No relato apresentado, percebe-se, no segundo momento, que a confraternização entre os amigos da faculdade e a experiência com as drogas enfatizam lembranças de satisfação. Esse recorte é concebido pelo personagem como uma experiência preenchimento que o leva a amar a vida naquele momento. Antes de sofrer uma crise de angústia, seus laços afetivos e seu desempenho enquanto estudante sustentavam uma rede de significações recreativas diante do uso da maconha. Esse recorte nos oferece uma imagem do personagem que integra suas funções e relações sociais e, ao mesmo tempo, condiz com a identidade que se construía naquele momento.

Antes da crise, o sujeito exerce sua capacidade de atribuir seus próprios valores à experiência do consumo e apropriar-se dele de uma forma conveniente e agregadora às suas experiências. Portanto, o segundo momento é o mais possível de ser apontado enquanto uma experiência de amor fati, uma vez que o sujeito participa ativamente da construção do seu próprio destino e toma para si as consequências que dele emergem.

Após a crise de angústia existencial, no terceiro momento, o personagem passa por uma experiência turbulenta, envolvendo o rompimento de laços afetivos, cercado pelo sentimento de ameaça em relação a substância, uma tentativa de suicídio e, em consequência disso tudo, uma institucionalização forçada. Enquanto, anteriormente, a droga, assumia um significante que se atualizava em confluência à vida do sujeito, posteriormente ela passa a ocupar o lugar da angústia. O relato sobre esse momento é marcado pela abreviação, pela dificuldade de compreensão idiossincrática da experiência. A dificuldade para relatar o que ocorreu pode ser compreendido como um indicador de que ainda existem marcas no processo de significação do conteúdo emocional produzido na experiência.

Levando em conta essa experiência e das perdas por ela gerada, o uso de drogas passa a ocupar um lugar de não-expressão. O vínculo com a maconha, para o sujeito, se desvencilha da possibilidade de atribuir um novo sentido a experiência, pois o sentido originado da experiência negativa anterior, se sobressai aos modos de subjetivação. Portanto, trata-se de um recorte esvaziado de amor fati, pois há poucas possibilidades de superar o significante anteriormente atribuído, o que acaba dificultando uma ressignificação a partir de uma nova experiência com a maconha. Porém, quando o usuário relatado persiste no uso do tabaco, ele comunica que a significação negativa da experiência com as drogas se restringe ao uso da maconha. Mas a continuidade do consumo de tabaco desencadeia um quarto momento explicitado na queixa do sujeito.

A demanda terapêutica, nesse primeiro momento, surge como uma incógnita entre o amor fati e uma experiência de uso abusivo. Para abordar a problemática proposta, as duas formas de relação se apresentam como uma possibilidade de desfecho para esse caso.

A relação de uso abusivo se faz possível na medida em que o tabaco pode servir como um apaziguador do sofrimento que se manifesta enquanto um apetite que precisa ser saciado de imediato. Quando o usuário apresenta esse tipo de relação, o motivo do

uso se torna o uso em si. Como consequência, a experiência com a substância se apoia na obtenção de prazer e alívio da dor, falha em sua capacidade de significação. Mas, caso o sujeito abandone o uso do tabaco apoiando-se no medo de romper ou fragilizar a relação com sua atual companheira, ele também se localiza fora da concepção de amor fati. Esse distanciamento é possível porque o destino do sujeito ainda não está sob seu controle, ele não é capaz de sustentar as experiências, mesmo quando as julga necessárias. Além disso, de acordo com as experiências anteriores do sujeito, o receio de romper uma relação demonstra que não houve uma ressignificação do conteúdo tecido no passado.

E, por fim, o amor fati se faz possível diante do uso de tabaco, quando essa interação abre portas para uma nova experiência relacional. Da mesma forma que no início do consumo de tabaco, na adolescência, a experiência estava amalgamada ao sentido, para essa relação possibilitar o amor fati, se faz necessário que o sujeito seja capaz de administrar novos conteúdos emocionais diante de viver novamente essa relação. Mas, é ainda pertinente ao campo do amor fati, se o sujeito rejeitar a continuidade do uso de tabaco e for capaz de superar uma relação de abuso. Ao se tornar capaz de abrir mão de um ato desprovido de sentido, o campo simbólico se abre para novas experiências que não são embasadas em uma relação de dependência, da repetição pela repetição.

Considerações finais

Ao aproximarmos o conceito de amor fati ao uso indevido de drogas, percebemos que os sentidos atribuídos à experiência de consumo são os principais indicadores para a compreensão do vínculo estabelecido entre usuário e substância. O conceito de Nietzsche sobre amor fati se relaciona à percepção da realidade, buscando não valorar a realidade em si, torna-se possível perceber como ela se manifesta para cada um. Para situar as diferenças relacionais, foi apresentado um caso fictício de um usuário típico que ilustra diferentes formas de se relacionar com as substâncias, levando em conta diferentes seus momentos de vida. A discussão do caso abriu a possibilidade de se pensar diferentes formas de se posicionar diante do uso, sem atribuição de peso moral diante da decisão do sujeito, pudemos compreender diversas nuances do tema de acordo com a situação apresentada.

Além de possibilitar um novo aspecto para a compreensão dos sentidos estabelecidos entre o usuário e a droga, esse trabalho possibilita significativas contribuições pessoais. O conhecimento buscado para a realização desse ensaio pretende alcançar os objetivos de formação profissional, portanto pretende-se aqui desenvolver um raciocínio científico. Porém assumimos aqui as limitações pertinentes à construção teórica e a metodologia adotada, que não abordam todos os conceitos do autor e nem pretende compreender todos os ângulos do fenômeno das drogas.

Referências

BITTENCOURT, R. N. Amor Fati: por uma relação autêntica. Friedrich Nietzsche: entre o passado e o futuro. Editora Escala, 1ª Edição, p.19-23, 2016.

BUCHER, R. As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial. In As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial, p.9-91, 1988.

BUCHER, R.; COSTA, P. F. Visão histórica e antropológica das drogas. As Drogas e a Vida: uma Abordagem Biopsicossocial. São Paulo: EPU. 1991.

CARNEIRO, H.S.. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. Revista Outubro, IES, São Paulo, v.6, p.115-128. 2002.

CAUDEVILLA, F. Drogas de uso recreativo. Em: Jornadas de actualización em medicina de família. Madrid, p. 3-9, 2005.

COSTA, M. C. D. S. Prazer e gozo na toxicomania: como as drogas concernem ao social?, p.10-13, 2016.

GURFINKEL, D. A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Petrópolis: Vozes. p.26-40, 1995

HEIDEGGER, M. A sentença nietzschiana " Deus está morto". Natureza humana, v.5 n.2 , 471-489. (2003).

LABATE, B.C et al. (Org). Drogas e cultura: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, p.440. (2008).

MOREIRA, F. G. SILVEIRA, D. X da; ANDREOLI, Sérgio Baxter. Conhecimentos e atitudes de educadores de escolas públicas na prevenção do uso indevido de drogas. Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo , v. 31, n. 2, p.95-100, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462009000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Out. 2018.

NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. Editora Rideel, 1ª Edição p.9-111, 2005.

NIETZSCHE, F.. Crepúsculo dos ídolos, ou, como filosofar com o martelo.

Editora Companhia das Letras. p.1-3, 2006.

NIETZSCHE, F., LEBRUN, G., & TORRES FILHO, R. R. . Obras incompletas. São Paulo: Abril, p.381, 1974.

RAMÍREZ, Y. O. Amor fati e el império de la necesidad. Colegio Espanoamericano: Revista de educación y pensamiento, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5740416>

RUBIRA, L. O amor fati em Nietzsche: condição necessária para a transvaloração?. Revista Polymatheia. Fortaleza, v.4 e.6, p.227-236, 2008.

RUBIRA, L.E.X. Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores. Diss. Universidade de São Paulo, p.10-34, 2010.

STEIN, M. Amor fati: analysis and the search for personal destiny. In Soul: Treatment and Recovery, p.96-108, 2015.